

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES

INDISCIPLINA ESCOLAR: É POSSÍVEL PREVENIR?

Aluna: Ivania Maria Grosselli da Silva

Orientadora: Joseth Martins

Curitiba, fevereiro de 2010.

RESUMO

Este artigo traz uma reflexão sobre a questão da indisciplina escolar. Como afirma Aquino(1996) “Há muito os distúrbios disciplinares deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras, para se tornarem, talvez um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais.” (p. 09). Nos últimos anos houve um aumento significativo de casos de indisciplina dentro das salas de aula da educação básica, tais como: barulho excessivo, a não- realização das tarefas propostas, a falta de obediência... sendo essa uma das questões mais discutidas no âmbito escolar e que constantemente gera muita polêmica. Inicialmente o presente artigo discute o universo conceitual do tema indisciplina escolar de acordo com autores renomados: Estrela(1992), e Rego(1996), Jesus(2000), Oliveira(2002) seguir, explora suas causas e características, buscando respostas para a pergunta: o que se considera e quais são as causas da indisciplina hoje? Este artigo analisa também a importância da estrutura familiar, fazendo para isso uma análise no “embrião” do problema,tentando verificar se é a partir daí que se conhecem os motivos que levam os indivíduos a se comportarem de forma indisciplinada. E por fim busca possíveis meios de prevenção, tais como: políticas internas, programas de formação para professores em serviço, organização de grupos de avaliação e planejamento para promover mudanças na escola, entre outras.

Para aprofundar reflexões a cerca deste tema este artigo buscou embasamento teórico em livros de autores renomados como: Piaget(1973) Tiba(1996), Groppa(1996), buscando nas literaturas dados que contribuam para ajudar a prevenir a indisciplina, realizamos também pesquisa de campo através de observações dentro de uma escola da Rede Municipal de educação básica, no entanto penso que não tivemos tempo hábil para operacionalizar os conhecimentos adquiridos e socializa-los objetivando minimizar o problema,

Palavras-chave: indisciplina escolar, aspectos familiares, encaminhamentos preventivos.

INTRODUÇÃO

A temática indisciplina despertou-nos interesse a partir da observação do comportamento de alunos de uma Escola Municipal de educação básica, o que levou-nos a um amplo estudo bibliográfico de obras de autores renomados sobre o tema indisciplina escolar. Seu objetivo é discutir a indisciplina, do ponto de vista conceitual e suas diferentes manifestações no contexto escolar, e sugerir alguns possíveis encaminhamentos preventivos.

O tempo todo, profissionais da educação e pais perguntam-se: Mas qual o motivo disso tudo?

Seria a indisciplina uma forma de se mostrar para o mundo, mostrar sua existência, em muitos casos o indivíduo tem somente a intenção de ser ouvido por alguém, então para muitos alunos indisciplinados a rebeldia é uma forma de comunicação?

Segundo Werneck (2005, p.25) “Os problemas de indisciplina nas escolas começam pela educação e ensinamento que a criança recebe em suas casas e reflete o meio social em que vive, ligadas ao grau de permissividade e limites estabelecidos pela família”. Pergunta-se então: Se a indisciplina está relacionada à família, talvez esse aluno conviva em um lar desestruturado, onde os pais não se respeitam e assim reproduz o que presencia em casa na escola?

Em muitos discursos sobre esta temática é relativamente freqüente a procura pelos culpados, para poder responsabilizá-los ou mesmo puni-los, sejam eles, as crianças que “não tem regras”, os pais que “ não sabem educar”, ou os professores que “não sabem impor a disciplina”. Porém bem mais importante é procurar perceber as causas de certos comportamentos e atitudes que podem ser internas ou externas à escola no sentido de nelas intervir, prevenindo os casos de futuras indisciplinas.

A contribuição almejada por este artigo está em pensar algumas questões, com base em nossas observações e na literatura disponível, visando compreender as causas e visando sugerir alguns encaminhamentos preventivos para se lidar com a indisciplina em nível escolar.

DADOS ESTATISTICOS

Beatriz Vichessi(2009) em artigo publicado na revista Nova Escola em outubro de 2009, revelou que em pesquisa realizada com 500 professores de todo país revelou que 69% dos docentes apontavam a indisciplina como principal problema das salas de aula. Na mesma edição da revista Anderson Moço revelou em seu artigo que em pesquisa realizada em 2008 pela Organização dos Estados Ibero- americanos com cerca de 8,7 mil professores mostrou que 83% deles defendem medidas mais duras em relação ao comportamento dos alunos e 67% acreditam que a expulsão é o melhor caminho e 52% acham que deveria aumentar o policiamento nas escolas .

A Universidade de São Paulo (USP) (2007), realizando pesquisa com 4 mil estudantes das redes pública e privada, revela que mais de 50% deles afirmaram que os conflitos aumentaram mesmo nas escolas que estão cada vez mais rígidas.

O relatório TALIS(Teaching and Learning International Survey) (2006), revelou que entre educadores consultados em 23 países, o professor brasileiro é o que gasta mais tempo para por ordem na classe. Em média ele desperdiça 17,8% do tempo das aulas na tarefa (o que equivale a 35 dias do ano letivo).

Um estudo realizado pela associação dos Supervisores da educação do estado do Paraná aponta o desrespeito por parte dos alunos como a segunda principal razão para não se seguir a carreira de professor.

Pesquisa do Sinpro(Sindicato dos Professores)(2000) revelou que 83,2% dos docentes haviam sofrido desrespeito e 12,8% agressões físicas. (dia-a -dia da educação)

Segundo o CPERS (Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul), 40% das licenças de saúde de professores são por problemas psicológicos.

CONCEITOS DO TERMO INDISCIPLINA

“O conceito de indisciplina escolar aparece na literatura acadêmica a partir da década de 80, e desde então, o mesmo foi sendo considerado de diversas maneiras, em diferentes momentos e lugares”.(GARCIA, 2001. p. 381).

Autores como Garcia(2005), Jesus(2000), Estrela,(1992), Oliveira(2002) e Rego(1996), entendem a disciplina como um conjunto de normas reguladoras da vida

escolar e, nesse ponto de vista, a indisciplina seria um comportamento de ruptura dessas normas. Para esses autores, o conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. Para Estrela(1992, p.17)” a indisciplina tende a ser definida pela sua negação, privação ou ainda, pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas.” A mesma autora refere que para Durkheim “ a disciplina é a moral da classe.” (Estrela, 1992 p. 78), enquanto para Freinet, “ Só há desordem quando há falha na organização do trabalho, quando a criança não está ocupada numa atividade que responde aos seus desejos e às sua possibilidades”.

Para Jesus(2000, p.26)” o aluno não reconhece os pactos coletivos estabelecidos no ambiente escolar quando não participa de sua formulação e quando apenas são impostos pelos docentes, sendo assim contesta os modelos escolares aos quais está submetido ou os esvazia”.

Oliveira(2002,p.80) alerta que “os alunos, em sua maioria, não temem mais as punições e os castigos. Para eles, a indisciplina é uma forma de protesto e de desafio às imposições. Dentro do complexo universo conceitual de indisciplina.”

Rego(1996, p.84) afirma que “ o próprio conceito de indisciplina não é estático, uniforme e nem tão pouco universal”. O autor aponta que o conceito se relaciona com vários aspectos ao longo da história, variando dentro das diferentes sociedades, culturas, instituições escolares, classes sociais e pode até mesmo ser compreendido diferentemente por cada pessoa e em cada contexto específico.

Sendo assim, comumente se entende por disciplina ordem, ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização, e a quebra dessas ordens subentende-se como indisciplina. Frequentemente o desejo do professor é que o aluno fique quieto, ouça as explicações, faça corretamente os exercícios. Porém na atualidade em que crianças e adolescentes vem de lares com pais permissivos onde ele mesmo determina o que vai comer o que vai vestir que programa de televisão vai assistir como deve ser mobiliado seu quarto, chegam à escola e a encontram cheia de regras e normas das quais eles não participaram da elaboração, e na quebra ou ruptura dessas regras aparece a indisciplina escolar que embora com o passar do tempo e em diferentes culturas tenha adquirido muitos conceitos, o mais importante a nosso ver, é que os educadores permitam-se reflexões constantes sobre o tema, visando à qualidade do processo ensino-aprendizagem que se encontra transversalizado pela tríade professor-aluno-regras.

Neste artigo a indisciplina é entendida no meio educacional como a manifestação de um indivíduo ou grupo como comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na falta de educação ou de respeito pelas autoridades escolares, ou ainda na incapacidade do aluno em se ajustar às normas e padrões de comportamentos esperados.

POSSÍVEIS CAUSAS DA INDISCIPLINA

Para se responder adequadamente a pergunta: O que é a indisciplina hoje? Precisa-se conhecer a dimensão do termo, para poder evidenciar as possíveis causas a ela relacionadas.

A indisciplina escolar não apresenta apenas uma causa, ela tem um conjunto de causas diversas e as mesmas precisam ser consideradas se desejamos compreendê-las e estabelecer soluções efetivas.

Para Garcia (2005), as causas da indisciplina podem ser reunidas em dois grupos gerais: as causas externas e as causas internas a escola. Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas internas por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina.

Segundo Groppa (1996) possíveis causas da indisciplina podem ser: crianças que não obedecem os pais, também não obedecem os professores; as crianças atuais não tem limites, sendo portanto, indispensável o trabalho junto as famílias, pois é dentro da socialização familiar que uma criança é treinada, aprende e absorve a disciplina para que em um futuro próximo venha a ser um indivíduo disciplinado; a indisciplina também é atribuída a dissolução do modelo nuclear familiar, muitos pais não são bons exemplos, não ajudam no crescimento intelectual da criança, desestruturando assim seu conceito de modelo; o problema disciplinar está relacionado à desvalorização da escola por parte dos pais, sendo que a escola não tem influência e interferência no campo individual; a

indisciplina é o reflexo da pobreza e da violência presente na sociedade; a indisciplina se associa aos comportamentos e traços inerentes à infância e a adolescência, a indisciplina se associa a falta de autoridade do professor, de seu poder de controle e aplicações de sanções.

Segundo La Traille (1996) “Cabe a escola a preparação para o exercício da cidadania. E para ser cidadão é necessário conhecimento, memória, respeito pelo espaço público, normas de relações interpessoais e diálogo aberto entre olhares éticos”. Porém muitas escolas estão mal aparelhadas para lidar com casos de indisciplina isolados, e estão tendo de lidar com expressões coletivas. Considerando a legislação federal vigente, objetiva-se a formação de aluno crítico, capaz de refletir e intervir sobre a realidade social, Consagrado no artigo 2º da Lei 9394/96 da LDB(Lei de diretrizes e Bases da educação), estabeleceu o Estatuto da Criança e do adolescente (artigo 53), que a educação visa o preparo para o exercício da cidadania. Assim sendo, a escola deve desenvolver competências nos alunos tendo em vista tais finalidades. Mas muitas vezes o exercício do pensamento crítico na forma de contestação, por exemplo, ao ser exercido dentro da escola, resulta em situações de conflito, quando os professores não gostam ou não estão preparados para lidar com alunos que recorrem a esta forma de expressão. O aluno contestador, membro de uma sociedade que está em processo de superação de uma cultura de repreensão, não se conforma com aulas que considera “ enfadonhas” “ desatualizadas”, “teóricas”, ou as relações “autoritárias”, e manifesta seu descontentamento, o qual precisa ser analisado para além do rótulo de indisciplina, e ser pensado como expressão de uma consciência social em formação.

Segundo Outeiral (1994).

“Os professores também são importantes para os adolescentes se identificarem e, nesse sentido, tem uma participação essencial no processo. A maioria das pessoas adultas é capaz de lembrar de professores importantes com os quais se identificou, da mesma forma daqueles com os quais buscou ser completamente diferente.(p. 72)

Sendo assim, o educador deve procurar organizar o ensino a partir de desafios que solicitem a ação dos alunos com vista à reflexão de seu fazer pedagógico, orientando e questionando as situações problemas, estimulando a participação dos alunos no processo de decisão, pois assim promove o fortalecimento da vivência de relações democráticas desenvolvendo o respeito mútuo, pois sendo o educador o exemplo que muitos

educandos buscam para o desenvolvimento de seu caráter, cabe a ele coordenar ações baseadas no diálogo e não no autoritarismo , buscando a construção da prática pedagógica comprometida com a construção do conhecimento, construído sobre as bases da co- responsabilidade.

Para Kamii (1992) a educação encontra-se num estágio pré-científico."Porque a educação não tem base científica, os educadores mudam suas crenças com o público, assim como o pêndulo da balança, e eles pulam para o outro lado quando novas idéias peculiares aparecem" (Kamii, 1992, p. 05). Talvez seja em função desse "atraso" científico de que nos fala Kamii, que a educação tem se contentado com "migalhas científicas" de outras profissões, como da medicina, por exemplo, e muitos educadores tenham-se se apropriado de conceitos médicos para explicar certos problemas com a relação pedagógica. O uso do termo hiperatividade ilustra bem essa questão. Ou seja, termos como hiperativo, DCM, distúrbio, dislexia, hipercinético invadem o cotidiano da sala de aula, infiltram-se na fala dos professores. A hipótese se transforma em verdade absoluta, incontestável. Pois dessa forma, torna-se mais fácil para a escola lidar com a questão da indisciplina uma vez que esta estaria ligada a fatores médicos. A relação pedagógica, o papel da escola e as relações sociais estabelecidas dentro dela ficam, portanto, não passíveis de análise, já que a explicação sobre o "mal" comportamento está em problemas psicológicos. Os rótulos livram a escola de uma análise mais comprometedora e a poupam de ter que enfrentar questões onde o óbvio não é dado a priori e as explicações não se encontra em consultórios médicos, mas na revisão do cotidiano escolar.

Mesmo com tantas possíveis causas, é preciso principalmente que tenhamos consciência de que a escola vem se tornando cada vez mais um espaço de indisciplina e violência e que é preciso encontramos modos específicos de como combatê-la. Rego(1998) afirma que " A escola está planificada para que todas as pessoas sejam iguais e essa homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares" impostos através de atitudes de submissão e docibilidade, porém essa disciplina imposta desconsidera o modo como são partilhados os espaços, o tempo e as relações afetuais(relações onde são acontece o respeito as diferenças, onde o diálogo é o caminho para superar conflitos), gerando reação que explodem na indisciplina incontrolável e o

problema esteja talvez no fato de que o professor se concentra apenas na posição normalizadora, achando que com isso conseguirá eliminar os conflitos,

Segundo Piaget(1973), “o educador deve recorrer muito mais à reciprocidade do que à autoridade, que favorece mais do que qualquer imposição ou qualquer disciplina exterior, o desenvolvimento da personalidade moral” (p. 79), as regras deveriam ser formuladas em comum para que juntos, professores e alunos, delimitassem os limites de fechamento e tolerância, pois o professor ingenuamente acredita que, quando surge algum problema ou indisciplina, basta fazer regras. Entretanto constantemente constata-se que essas regras não dão certo.

Segundo Mendonça(2000) O professor precisa sempre refletir se os indícios de indisciplina não são decorrentes de uma didática pobre e desinteressante, de uma postura (autoritária ou permissiva) ou ainda relacionados à ausência de uma boa dinâmica na classe (crianças muito tempo sentadas, esperando, sem fazer nada). Muitas vezes, a questão não deve ser resolvida com uma nova regra, mas sim com uma séria e imparcial revisão do problema, com tomada de consciência e com mudanças de postura, procedimentos ou estratégias pelo educador. É necessário que procure compreender os motivos, que seja feita uma revisão imparcial e profunda da questão, do contrário, está-se atuando apenas em cima das conseqüências e não na principal causa do mesmo.

ASPECTOS FAMILIARES

Todo problema tem uma origem. Se há indisciplina dos estudantes nas escolas, certamente esse tipo de atitude tem suas raízes em experiências anteriores. Que experiências anteriores trazem uma criança que recém ingressou na escola, e que apresenta comportamento inadequado e muitas vezes agressivo? A experiência do convívio familiar, sem dúvida. De acordo com Tiba (1996):

A educação ativa formal é dada pela escola. Porém a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a condescendência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto à educação da criança. O filho vai tirar lucro da discordância pais/escola da mesma forma que aproveita quando há divergências entre pai e mãe. (p. 165)

As crianças aprendem a comportar-se em sociedade ao conviver com outras pessoas, principalmente com os próprios pais. A maioria dos comportamentos infantis é aprendido por meio da imitação, da experimentação e da invenção.

Nos tempos atuais, família e escola parecem perder o poder e o espaço que tiveram outrora no sentido da formação do indivíduo. As crianças começaram a entrar mais cedo na escola, fato que pode favorecê-las ou desfavorecê-las, dependendo do acompanhamento escolar e familiar realizado. Caso a criança seja bem acompanhada, esse ingresso prematuro na instituição pode ajudá-la a se desenvolver melhor em todos os aspectos: sociais, cognitivos, etc. Porém, se a família coloca-a na escola, mas não acompanha pode gerar na criança um sentimento de descaso em relação ao seu desenvolvimento. Em outras ocasiões pode-se criar uma criança autoritária e desobediente por culpa dos próprios pais que por trabalharem demais e estarem ausentes da rotina do filho permitem, por um sentimento de culpa, que a criança faça tudo que desejar. Tal comportamento dos pais é prejudicial à própria criança, que fora do ambiente familiar não encontrará tamanha facilidade. Partimos do princípio de que nenhuma criança nasce agressiva, ela torna-se de acordo com o meio, pois limite e disciplina transitam no caminho do afeto e da liberdade, e isso se reflete nos locais onde ela se insere. Segundo Tiba: "o maior estímulo para ter disciplina é o desejo de atingir um objetivo". (1996, p.173).

Das transformações pela quais passam a humanidade com o decorrer do tempo, quem sabe a família foi a que mais sofreu os seus impactos. Primeiro, alterou-se a forma de sua organização interna, deixando de ser exclusivamente patriarcal – como o único responsável pela sua manutenção - e, por conseqüência, arbitrária e verticalizada – de cima para baixo -, para se constituir nos mais diversos arranjos familiares, onde é crescente o número de famílias mantidas apenas pelas mulheres e, mesmo naquelas ainda com formatação tradicional – pai-mãe-filhos -, está cada vez mais presente a horizontalidade das relações, papéis e da responsabilidade pela manutenção da família. O número cada vez menor de filhos, o afastamento e envolvimento cada vez maior dos pais com o trabalho, a falta de tempo para o convívio qualificado com a família, sem contar com os agravos

REFLEXOS NA ESCOLA

Crianças indisciplinadas em casa, alunos indisciplinados na escola, infelizmente não há como fugir a esta afirmação.

Uma criança que não reconhece seus pais como figura de autoridade, dificilmente reconhecerá isto em um estranho, seja ele seu professor, coordenador pedagógico ou diretor da escola. E se não há esse reconhecimento à criança segue fazendo o que bem entender. O grande problema é que, no ambiente escolar como em qualquer sistema comunitário, não respeitar espaços alheios causa terríveis transtornos, que são vivenciados como conflitos de todo tipo.

O fato de a indisciplina ter raízes na família já está cimentado, cabe então ao professor preparar-se para lidar com este tipo de situação, através de reflexão contínua sobre seu fazer pedagógico.

Para Tognetta (2004) o grande problema da escola com a indisciplina é que o professor não sabe lidar com ela. Para ele:

Quando as pessoas apresentam-se agressivas ou violentas, não se pode negar que tal comportamento é resultado de angústias, ansiedades, preocupações mal resolvidas. A maioria dos professores sabe disso. O diagnóstico é sempre preciso, dizendo que as crianças, constantemente trazem problemas de casa. A questão é que na maioria das vezes, ao tratar tal comportamento agressivo tais professores desconsideram essas causas. Não nos damos conta que o tratamento dado a violência é também sinal dela. Quando uma criança é castigada, o que acontece nem sempre é visível aos nossos olhos. (Kamii, 1991) se refere a três possíveis conseqüências do castigo e das punições: as crianças se rebelam, ou se conformam, ou ainda calculam os riscos de serem pegas tendo um comportamento inadequado aos olhos do adulto. Por outro olhar, a criança castigada sente-se incompreendida, não amada. Há uma fala comum entre nós de que "a melhor defesa é sempre o ataque". Assim a criança age. Pode se sentir com raiva a ponto de fazer ainda pior ou sentir-se tão pequena a ponto de formar uma auto imagem merecedora de castigos e incapaz de realizar quaisquer outras tentativas de satisfação pessoal". (TOGNETTA, 2004, p. 4).

Sendo assim, atitudes punitivas adotadas por muitos professores, como subtrair notas, suspender da aula, deixar sem recreio, ou aula de educação física, ou quaisquer outras que possam ser encaradas pelos alunos como agressivas, em geral estão fadadas ao fracasso, pois receberão uma resposta igualmente agressiva por parte dos alunos.

Segundo La Taille (1996) "não devemos ir de um extremo a outro, tanto o autoritarismo como o permissivismo podem levar a uma explosão de violência." A indisciplina levada ao extremo deriva para a violência, nos atos de comportamentos que

entram na lista dos indisciplinados é comum encontrarmos empurrões, chutes, tapas, grandes brigas, ofensas verbais acompanhadas de atos físicos, depredações e outros, e isso está presente cada vez mais no cotidiano das escolas, muitas vezes e estimulação as mesmas vem de pais e colegas no tal revide justo, ou seja, o “bateu-levou, que para muitos é um modo rápido de resolver as coisas, e é aí que entra o papel do professor como mediador, apresentando o problema e intervindo com questões que levem o educando à reflexão sobre seus atos e suas conseqüências, procurando lembrar que o problema da sala pertencem ao grupo e não somente ao professor e segundo as necessidades deste grupo devem ser organizados os trabalhos de assegurar justiça aos envolvidos. “Sendo assim, permitir nada, ou permitir tudo são hábitos igualmente nocivos do ponto de vista emocional”(Tiba, 1996).

Outro ponto a se acrescentar é o da espera por recompensa, ou seja, a maioria dos alunos seguem a estratégia de base agradar ao professor, principalmente se vislumbra alguma recompensa para isso, vão agindo assim sempre em conformidade com o estilo de comunicação que lhes foi pedido, porém se prevêm não receber nenhuma recompensa, são capazes de entrar em combinação para provocar turbulência e interromper o processo da aula, pois isso já vem enraizado desde a infância, fazer “birra” para ganhar algo, se “passar de ano” ganha um presente.

ENCAMINHAMENTOS PREVENTIVOS

DeVries e Zan (1997), explicam que “o objetivo geral de envolver as crianças em tomadas de decisões e estabelecimentos de regras em salas de aula é contribuir para uma atmosfera de respeito mútuo nas quais professores e alunos praticam a auto-regulação e a cooperação”. Portanto o primeiro ponto a ser destacado refere-se à necessidade das escolas desenvolverem uma diretriz disciplinar de base pedagógica ampla, legitimada pela comunidade escolar, condizente com seu Projeto Político Pedagógico. Tal diretriz deve incluir o desenvolvimento de orientações (regras e procedimentos) disciplinares claras e de bases amplas, que ganham legitimidade à medida que são desenvolvidas com a participação dos estudantes, a participação dos alunos é um elemento importante, pois favorece o sentimento de pertença e implica no exercício de algum grau de poder. É necessária ainda uma disseminação ampla dessas

orientações comuns, que assegure que todos os alunos, pais e profissionais da escola tenham claras as expectativas sociais e pedagógicas que estão sendo praticadas pela escola.

“Para tornar a escola um lugar de vida e de aprendizagem mais interessante e produtiva e fazer descobrir o prazer de se gostar dela”(Barroso, 1995, p. 96), por isso outro ponto importante é introduzir inovações educacionais, que melhor instrumentalizem alunos e professores, desenvolvendo nos alunos novas habilidades de estudo, através por exemplo de atividades extracurriculares, envolvendo a comunidade escolar como um todo. Ou a promoção de formação continuada para professores em serviço, voltadas à indisciplina. Pois muitas vezes os mesmos, não se encontram bem preparados para lidar com a indisciplina e com os conflitos que possam surgir de disputa de poder com os alunos. A autora deste artigo ressalta porém não ser um bom caminho entrar em choque direto com os alunos e tentar impor-se, apenas, de forma ditatorial.

Nunca é demais lembrar: autoridade e autoritarismo são conceitos muito distintos. Além disso, há muitos professores que fazem questão de passar uma imagem muito negativa, de alguns alunos ou mesmo de uma sala inteira, aos seus colegas de profissão. Todos nós sabemos a influência que um pré-conceito pode gerar em novas situações. Desta maneira, os novos professores já vão àquela sala esperando lidar com uns "delinqüentes mirins", não dando chances para que as novas relações entre educadores e alunos possam ser estabelecidas de maneira distinta. Muitas vezes, a proposta educacional, ou seja, o plano pedagógico da escola não dá margem ao diálogo. Os alunos nunca têm voz ativa e pouco participam de decisões. Assim, os alunos mais "sensíveis" (de acordo com uma visão que tenta ser politicamente correta de alguns educadores, mas que reforça o preconceito) reagem negativamente, causando boicotes e tornando-se inadequados. Os educadores, por sua vez, não usam criatividade e tentam incluir, da melhor maneira possível, os alunos tidos como "problemáticos" em suas aulas.

"Devemos ser como os geógrafos, que sobem à montanha para conhecer a planície e descem à planície para melhor ver a montanha" (Napoleão Bonaparte). Então outro ponto importante a ser observado é que muitos casos a indisciplina tem

raízes em problemas psicológicos de crianças e adolescentes, como no caso da hiperatividade e de outros transtornos psíquicos apresentados por alguns alunos. Entretanto, antes de mandarmos "todos os alunos de um determinado grupinho" aos divãs de psicólogos, devemos analisar se os problemas não estão mais relacionados aos adultos, à equipe de educadores das escolas, enfim, ao plano pedagógico e às relações estabelecidas pelos adultos e os seus alunos. Sabemos a importância de uma análise da equipe e de qualificações constantes para melhor desempenhar o papel de educadores. A reciclagem é uma das principais ações que as escolas deveriam ofertar aos seus profissionais (incluindo os funcionários que, diga-se de passagem, exercem importantes papéis de educadores).

Anderson Moço (2009), aponta em um artigo sete soluções para encaminhar o problema:

1º Distinguir regras morais das convencionais e discuti-las: Segundo o autor "é erro comum em regimentos escolares situar regras morais e convencionais num mesmo patamar". O que significa dizer, que as morais merecem mais atenção. Ao distingui-las o professor será capaz de interpretar melhor uma transgressão e assim encaminha-las adequadamente. Sendo assim cita exemplos de regras morais, tais como: mentir; sendo que o princípio ético nesse caso é a honestidade, sendo esse, portanto, um preceito inegociável. Regras convencionais por sua vez, tem fundamentação na negociação e na clareza de definição, cita como exemplo de regra convencional a conversa em sala de aula, há momentos em que a mesma é aceitável, como no momento de trabalho em grupo, porém no momento da exposição de conteúdos novos o silêncio se fará necessário.

2º Equilibrar de maneira justa sua reação a um problema: Segundo o autor analisar a quebra da regra sob a ótica da moral e da convenção facilita equilibrar a resposta ao problema. É sempre importante avaliar a real gravidade da transgressão. O ideal é respirar, tentar se controlar e reconhecer que o embate pertence aos envolvidos, os docentes devem agir como mediadores e pautar-se por ações transparentes e convictas.

3º Conquistar autoridade com o saber e o respeito ao aluno: Ficar irritado, gritar, castigar e tomar atitudes autoritárias não adianta nada. Segundo o autor quando se tenta manter a disciplina por meio da submissão a revolta aparece. Para ele é preciso conhecer

como se dá a aprendizagem e com base nessa compreensão, planejar aulas com segurança sobre o conteúdo a ser trabalhado. É preciso diversificar a metodologia, pois se interage com alunos conectados ao mundo por diferentes redes e ferramentas. O professor precisa saber ouvir o aluno, evitar constrangimentos.

4º Ter como objetivo construir um ambiente cooperativo: O maior desafio para docentes é construir um ambiente cooperativo no qual alunos tenham voz, sejam respeitados e aprendam a respeitar., mas isso tem que ser construído gradativamente pelo grupo com base no respeito mútuo, na reciprocidade e nos princípios de justiça.

5º Agir na hora certa e sempre manter a calma: É preciso segundo o autor chamar a atenção,mas sempre com respeito e mostrando que o grupo é que está sendo prejudicado , e não somente o infrator, ou seja, o aluno . Tratar o educando dessa forma faz com que ele perceba como agir em momentos de conflito.

6º Ficar alerta porque a indisciplina nunca acaba: A escola está sempre em movimento, a cada ano chegam novos alunos, que podem não estar alinhados de acordo com o esperado pela escola, sendo assim a indisciplina vai continuar sempre existindo.

7º Incentivar e respeitar a autonomia do aluno: Os problemas de comportamento podem servir para mostrar que certas regras não são necessárias ou não estão funcionando, convivendo em um ambiente em que atitudes mudam de padrão, pois aos poucos as crianças vão adquirindo autonomia e ficando apta a tomar decisões, o professor deve orientá-lo servido de referencia , pois a autonomia é necessária para se viver em sociedade.

Saliento, porém que a indisciplina não é um problema pontual, que se resolve com receitas prontas, podendo voltar a aparecer a qualquer momento, combatê-la, portanto, exige pensar além de fórmulas mágicas, exige mudanças de hábitos, rever posturas. O essencial ao meu ver é chegar às verdadeiras causas, que inclui enxergar o que a escola está oferecendo a todos os alunos, para fazer com que a indisciplina deixe de ser esse fantasma que assombra nossas salas de aula. Os encaminhamentos propostos acima poderão sim, ser um referencial para o docente, porém, os casos de indisciplina variam de sala para sala, de escola para escola... e encaminhamentos que podem ajudar algum professor, para outros podem não surtir o mesmo efeito, o mais importante é procurar manter-se sempre informado, buscando sempre mais informações a cerca do tema.

O professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento “pronto”, sistematizado, outra, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender (Vasconcellos, 2001, p.127).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das limitações, considero que a elaboração deste artigo se tornou proveitosa, uma vez que me foram dados a conhecer novos aspectos sobre o tema tratado, e que poderão colaborar com docentes para que encontrem estratégias para a resolução de comportamentos desviantes dos alunos, pois, sabe-se que indisciplina dos alunos na escola tem ligação direta com a falta de limites dada pelos pais em casa, e que essa indisciplina em casa repercute diretamente na sala de aula. Porém se professores e escola adotarem Métodos disciplinares “agressivos” só tendem a gerar mais indisciplina, pois a mesma só pode ser combatida com a co-responsabilidade entre professores, alunos e pais. Para isso a escola deve contar com conteúdos curriculares que se adequem tanto quanto possível aos interesses dos alunos. E seus docentes devem cada vez mais procurar perceber as razões dos comportamentos desviantes dos alunos.

O mais importante ao meu ver é que a questão da disciplina e dos relacionamentos entre professores e alunos pode ser um tema de Educação Preventiva. Assim, deve estar em constante pauta de trabalho e aperfeiçoamento pelas equipes docentes das entidades de ensino. “Lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança no mundo” (Snyders, 1995, p.10).

Enfim, a resposta a nossa pergunta: Indisciplina Escolar: É possível prevenir?

Concluo de que se a escola desenvolver políticas internas para lidar, sobretudo com a prevenção, investindo na formação de professores em serviço, buscando inovações pedagógicas e estreitando relações com a família, buscando uma solução para o problema, através do diálogo e da compreensão mútua, é possível minimizar o

problema, porém ele sempre esteve e sempre estará presente no cotidiano das salas de aula.

Espero que com este artigo, ter compartilhado com docentes informações sobre o tema, pois, “Quem sabe é esse mesmo o sentido do nosso fazer: repartir idéias, para todos terem pão”... (Cortella, 1998, p. 159).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE LA TRAILLE, Yves J.J.M.R (1994) Prefácio à edição brasileira. In Jean Piaget. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo; Summus.

OUTEIRAL, José Ottoni. *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Editora: Artes Médicas, Porto Alegre- RS, 1982.

SUCUPIRA, A.C. **Hiperatividade: doença ou rótulo?** Cadernos Cedes, 2008

COLLARES, C.A.L. **A história não contada dos distúrbios de aprendizagem**. Cadernos Cedes, 1992

KAMII, C. **Autonomia do professor e formação científica**. Texto Mimeo, 1992

DEVRIES R. & ZAN, B , **Uma abordagem construtivista do papel da atmosfera sociomoral na promoção do desenvolvimento das crianças**. Artemd, Porto Alegre, 1997

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** (Ed. Orig. 1948) Rio de Janeiro, 1973

TIBA, Içami. **Disciplina: Limite na medida certa**, São Paulo: Gente, 1996

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e Práticas**. Summus, São Paulo, 1996

BARROSO, J. **Organização Pedagógica e Disciplina Escolar**, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995

ESTRELA, M.T, **Relação Pedagógica, disciplina e Indisciplina na aula**, Porto: Porto Editora, Lda, 1995

REVISTA NOVA ESCOLA – Editora Moderna , outubro/2009

ESTRELA, M. T. *Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 3.ed. Porto:
LDA 1992

GARCIA, J.A. *A Construção social da indisciplina na escola*. Curitiba 2005

OLIVEIRA, J.H.B. *in(disciplina) na sala de aula: Perspectiva de alunos e
professores*. Lisboa- 2002

REGO, T.C.R. *A indisciplina e o processo educativo*, 1996

WWW.bvichessi@abril.com.br

WWW.anderson.moco@abril.com.br

WWW.ne.or.br

[WWW.clicrbs.com.br/ especial/rs/oxdaeducação](http://WWW.clicrbs.com.br/especial/rs/oxdaeducaçao)

[WWW.diaadiadaeducação.pr.gov.br](http://WWW.diaadiadaeducaçao.pr.gov.br).